

*OLIVER SACKS*

# *DIÁRIO DE OAXACA*

Tradução:  
LAURA TEIXEIRA MOTTA



---

Copyright © 2002 by Oliver Sacks  
Copyright do mapa © 2002 by National Geographic Society  
Copyright das ilustrações © 2002 by Dick Rauh  
Todos os direitos reservados

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*  
Oaxaca journal

*Capa*  
Hélio de Almeida  
sobre ilustração de Zaven Paré

*Preparação*  
Beatriz Antunes

*Revisão*  
Márcia Moura  
Luciane Helena Gomide

Ilustrações de samambaias, de Dick Rauh.  
Fotografia da p. 60, de *Strasburger's Textbook of Botany*.  
Citação da p. 100, de Anthony F. Aveni.  
Originalmente publicada em *Natural History*, abr. 2001.

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Sacks, Oliver  
Diário de Oaxaca / Oliver Sacks ; tradução Laura Teixeira  
Motta — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

Título original: Oaxaca journal.  
ISBN 978-85-359-2017-8

1. Oaxaca — México — Descrição e viagens 2. Samambaias — México 1. Título.

11-13634

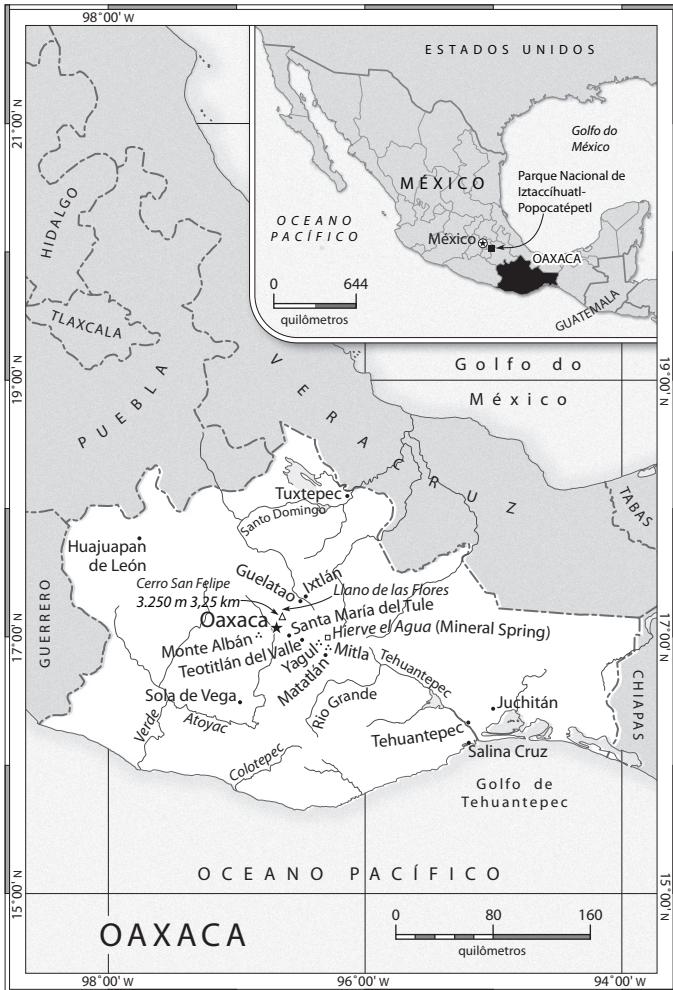
CDD-917.274

---

Índice para catálogo sistemático:  
1. Oaxaca : México : Descrição e viagens 917.274

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORAS SCHWARCZ LTDA.  
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32  
04532-002 — São Paulo — SP  
Telefone (11) 3707-3500  
Fax (11) 3707-3501  
[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)  
[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)



## SUMÁRIO

Prefácio .....	11
Sexta-feira .....	13
<i>Voando para o México; plantas paleozoicas e o fã mirim das samambaias; sociedade de amadores</i>	
Sábado .....	26
<i>Primeira visão de Oaxaca; breve história do tabaco; Santo Domingo e seus jardins de trífidos; pimentas, especiarias e chocolate; o último abacate selvagem; o mercado, dos sapotis aos minerais fluorescentes</i>	
Domingo .....	38
<i>A caminho do Llano de las Flores; ciclo de vida das samambaias; glória da manhã e outros alucinógenos do Novo Mundo; primeiro encontro com Boone; observando samambaias; leguminosas, amieiros e fixação do nitrogênio; pteridáceas belas e perigosas; súbito mal da altitude</i>	
Segunda-feira .....	59
<i>A árvore do Tule; primeiras povoações mesoamericanas; as ruínas de Yagul; samambaia da ressurreição; os eufônicos sulfetos de arsênio</i>	
Terça-feira .....	67
<i>Um dia sozinho; o Zócalo; físicos bidimensionais; fusão de culturas</i>	

Quarta-feira .....	73
<i>As fontes hidrominerais e a cachoeira petrificada; relatos e exposição no hotel; tesouros da vertente atlântica; a estranha morte de Georgi Markov; casais de botânicos; um estranho “sintoma”: felicidade</i>	
Quinta-feira .....	83
<i>Plantas do vale de Oaxaca; a história do México após a conquista, segundo Luis; uma procissão religiosa; Mitla e sua intricada construção em adobe; Matatlán, maguey e mescal; gusanos de maguey e gafanhotos; a meiga capivara; cerâmica; tecelagem e carmim de cochonilha</i>	
Sexta-feira .....	97
<i>Eclipse lunar; a civilização de Monte Albán; astronomia e religião pré-colombianas; o jogo de bola; borracha; o humilde mas peremptório chamado da botânica criptogâmica</i>	
Sábado .....	106
<i>Divina matemática; um encontro com a polícia; o alojamento de Boone; flor de maracujá e beija-flores; cavalinhos gigantes e histórias de calamites; o milho de Boone; uma rara Llavea endêmica; museu e biblioteca de artefatos pré-hispânicos; os paradoxos das culturas pré-colombianas</i>	
Domingo .....	119
<i>Derradeira saída para ver samambaias; cães e um pique-nique no vau; pôr do sol; despedida ao amanhecer</i>	

## *SEXTA-FEIRA*

Estou a caminho de Oaxaca, onde vou me juntar a alguns amigos botânicos numa excursão para ver samambaias, louco para passar uma semana longe do gélido inverno nova-iorquino. Logo de saída, no avião — da AeroMexico — encontro uma atmosfera como nunca vi. Mal decolamos, todos ficam de pé — batendo papo nos corredores, abrindo pacotes de comida, amamentando bebês —, uma cena social instantânea, como num café ou mercado mexicano. É subir a bordo e já se está no México. Os avisos sobre o cinto de segurança ainda estão acessos, mas ninguém dá bola. Tive sensação parecida em aviões espanhóis e italianos, mas aqui ela é muito mais pronunciada: uma *fiesta* instantânea, uma atmosfera risonha e ensolarada que me envolve. Como é crucial ver outras culturas, perceber como elas são especiais, regionais, e como a nossa não tem nada de universal! Que rígida e sisuda, em contraste, é a atmosfera na maioria dos voos norte-americanos! Começo a pensar que vou me deleitar com essa visita. Hoje em dia muito pouco deleite é “permitido”, em certo sentido. Mas, afinal, a vida não é para ser aproveitada?

Meu vizinho, um jovial empresário de Chiapas, me deseja “Bon appétit!” quando chega a comida, e em seguida diz o mesmo em espanhol: “¡Buen provecho!”. Não consigo decifrar o cardápio, por isso digo sim à primeira coisa que me oferecem — um erro, pois trata-se de uma empanada, e eu preferiria frango ou peixe. Ser tímido e não saber falar outras línguas é um problema, infelizmente. Não gosto da empanada, mas como um pouco, isso fará parte da minha aculturação.

Meu vizinho pergunta por que estou indo ao México, e explico

que faço parte de uma excursão botânica a Oaxaca, no sul. No avião há vários de nós vindos de Nova York e nos encontraremos com os outros na Cidade do México. Ao saber que é minha primeira visita ao México, ele fala calorosamente sobre o país e me empresta seu guia de viagem. Que eu não deixe de ver a colossal árvore de Oaxaca: tem mais de mil anos, é uma maravilha natural famosa. Sim, respondo, ouço falar dessa árvore desde menino, vi fotos antigas, é uma das coisas que me fez colocar-me a caminho de Oaxaca.

O mesmo gentil vizinho, reparando que para escrever arranquei as páginas finais e até a página de rosto de uma prova de livro, e que agora meu papel acabou e pareço aborrecido, me oferece duas folhas de um bloco amarelo (fiz a besteira de pôr o meu bloco amarelo e um caderno na bagagem despachada).

Ele observou que eu disse sim quando me ofereceram a empanada, obviamente sem ter ideia do que se tratava, e que de maneira também óbvia não gostei dela ao provar, por isso tornou a me emprestar seu guia de viagem e sugeriu que eu desse uma olhada no glossário bilíngue e ilustrado de comidas mexicanas. Eu deveria ter o cuidado, por exemplo, de distinguir entre *atún* e *tuna*, pois a palavra espanhola “tuna” não significa atum, e sim o fruto de uma pera espinhenta. Do contrário, toda vez que pedisse o peixe me trariam a fruta.

Encontro no guia uma seção sobre plantas e pergunto a ele sobre a *mala mujer*, ou mulher má, uma árvore de aspecto perigoso, com pelos urtigantes. Ele conta que, nos bailes de cidades pequenas, os rapazes espalham essas folhas por todo canto para ver as moças se coçarem. É um misto de brincadeira e crime.

“Bem-vindo ao México!”, diz meu companheiro quando aterrissamos, e acrescenta: “Você vai descobrir muitas coisas incomuns e interessantíssimas”. Quando o avião para, ele me dá seu cartão e oferece: “Telefone se houver alguma coisa que eu possa fazer para lhe ajudar enquanto estiver em nosso país”. Dou-lhe meu endereço — escrito num descanso de copo, pois estou sem cartões. Prometo mandar-lhe um de meus livros, e, quando vejo que seu nome do meio é Todd (“meu avô era de Edimburgo”), comento que existe um tipo de paralisia chamada paralisia de Todd, que ocorre brevemente depois de certos ata-

ques epilépticos, e prometo incluir uma curta biografia do dr. Todd, o médico que primeiro a descreveu.

Estou muito comovido com a afabilidade e a cortesia desse homem. Será uma cortesia characteristicamente latino-americana? Ou pessoal? Ou apenas um breve encontro daqueles que acontecem em trens e aviões?

Temos três horas ociosas no aeroporto da Cidade do México — um bom tempo antes da nossa conexão para Oaxaca. Quando saio para almoçar com dois membros do meu grupo (ainda os conheço mal, mas em poucos dias seremos próximos), um deles vê o caderninho em minha mão. “Sim”, responde, “talvez eu escreva um diário.”

“E terá material de sobra”, ele rebate. “Somos o maior bando de esquisitões que já se viu.”

Que nada, penso comigo, é um grupo esplêndido: entusiasmados, sinceros, não competitivos, unidos pelo amor às samambaias. Amadores — amantes, no melhor sentido da palavra —, ainda que boa parte de nós tenha conhecimentos mais do que profissionais e uma imensa erudição. Ele me pergunta sobre meus interesses e conhecimentos específicos sobre samambaias. “Eu não... só estou pegando carona.”

No aeroporto, encontramo-nos com um sujeito grandalhão, de camisa xadrez, chapéu de palha e suspensórios, que está chegando de Atlanta. Ele se apresenta — David Emory, e sua mulher, Sally. Conta que estudou com John Mickel (nossa amigo comum, que organizou esta viagem) nos idos de 1952, em Oberlin. John estava então cursando a graduação, David fazia pós. Fora ele quem transformara John num fissurado em samambaias. Ele diz que não vê a hora de encontrar com John quando chegarmos a Oaxaca. Só se viram duas ou três vezes depois de se formarem, há quase cinquenta anos. Todas as vezes em expedições botânicas, e a velha amizade, o velho entusiasmo ressurgiram na mesma hora. Tempo e espaço anulam-se quando os dois se encontram, convergindo de diferentes regiões e fusos horários, mas sintonizados em seu amor, em sua paixão pelas samambaias.

Devo confessar que, ainda mais do que as samambaias, aprecio as chamadas plantas afins: os licopódios (*Lycopodium*), as cavalinhas (*Equisetum*), as selaginelas (*Selaginella*) e as psilotáceas (*Psilotum*). Haverá muitas delas também, David me garante: uma nova espécie de licopódio fora descoberta em Oaxaca na excursão anterior, em 1990, e existem ali muitas espécies de selaginelas; uma, a “samambaia da ressurreição”, pode ser encontrada no mercado. É uma roseta achata-dada e aparentemente morta, de um verde esmaecido, que revive surpreendentemente na primeira chuva. E em Oaxaca existem três cavalinhas, acrescenta David, uma delas, a maior do mundo. “E quanto a psilotáceas?”, pergunto ansioso. “Há psilotáceas?” Psilotáceas também, ele me assegura. No mínimo duas espécies.



Quando menino eu já era grande admirador das primitivas cavalinhas e licopódios, porque eram os ancestrais de todas as plantas superiores.\* No terreno do Museu de História Natural (em Londres, onde cresci) havia

\* Era o que se acreditava na época. Hoje se sabe — com base no sequenciamento de DNA, e não só na morfologia ou na sequência das plantas antigas no registro fóssil — que essa linhagem simples não representa a realidade. As evidências são de que os licopódios, as samambaias (e seus aliados) e as plantas de semente constituem as três principais linhagens das plantas vasculares, que presumivelmente evoluíram todas de um mesmo ancestral do Siluriano.

um jardim fóssil, com troncos e raízes fossilizadas de licopódios e cavalinhos gigantes, e dentro do museu havia dioramás com reconstruções de como podem ter sido as antigas florestas do Paleozoico, com colossais árvores de cavalinha de trinta metros de altura. Uma tia mostrou-me cavalinhos modernas (apenas sessenta centímetros) nas florestas de Cheshire, com seus caules rígidos e articulados e pequenos cones nodosos no topo. Ela também havia me mostrado minúsculos licopódios e selaginelas, mas não me apresentara à mais primitiva de todas essas plantas, a psilotácea, que não existe na Inglaterra. As plantas semelhantes às psilotáceas, as psilofitas, foram as pioneras, as primeiras plantas terrestres que desenvolveram um sistema vascular para transportar água pelos caules, o que lhes permitiu fincar pé em terra firme há quatrocentos milhões de anos e abriu caminho para todas as outras. A psilotácea, cujo nome popular é samambaia vassourinha, não era uma samambaia, pois não possuía raízes ou frondes, mas apenas um caule verde com bifurcações não diferenciadas, um pouco mais grosso que uma grafite de lápis. Apesar da aparência humilde, no entanto, era uma das minhas favoritas, e prometi a mim mesmo que um dia eu a veria na natureza.

Cresci nos anos 1930, e o jardim de casa era cheio de samambaias. Minha mãe gostava mais delas do que de plantas floríferas, e, embora tivéssemos roseiras em treliças nos muros, a maior parte dos canteiros era dedicada às samambaias. Tínhamos também uma estufa envidraçada, sempre cálida e úmida, onde pendia uma grande samambaia polipodiácea e onde podíamos cultivar delicadas samambaias himenofiláceas e samambaias tropicais. Às vezes, aos domingos, minha mãe ou uma de suas irmãs, que também eram entusiastas da botânica, me levavam ao Kew Gardens. Foi lá que vi pela primeira vez imponentes samambaias arbóreas coroadas por frondes a uns dez metros do chão e imitações das ravinas forradas de samambaias do Havaí e Austrália. Aqueles eram os lugares mais lindos que eu já tinha visto.

Minha mãe e minhas tias herdaram o gosto pelas samambaias do pai delas, meu avô, que veio da Rússia para Londres nos

anos 1850, quando a Inglaterra estava acometida de pteridomania — a grande febre das samambaias da era vitoriana. Inúmeras casas, inclusive aquela em que cresci, tinham seu próprio terrário, ou “caixa de Ward”, com várias samambaias, algumas raras e exóticas. A febre das samambaias já havia quase passado em 1870 (uma causa importante foi ter levado muitas espécies à extinção), mas meu avô conservou suas caixas de Ward até morrer, em 1912.

As samambaias me encantavam com suas vernações, seus báculos, sua aura vitoriana (em sintonia com as capas de babados nas poltronas e as cortinas de renda da nossa casa). Porém, em um nível mais profundo, elas me impressionavam por sua origem tão antiga. Todo o carvão que aquecia nossa casa, minha mãe me disse, era essencialmente composto de samambaias e outras plantas primitivas, submetidas a intensa compressão, e às vezes era possível encontrar fósseis desses vegetais se partíssemos pedaços de carvão. As samambaias haviam sobrevivido, com poucas mudanças, por um terço de bilhão de anos. Outras criaturas, como os dinossauros, haviam surgido e desaparecido, mas as samambaias, aparentemente tão frágeis e vulneráveis, haviam sobrevivido a todas as vicissitudes, a todas as extinções ocorridas no planeta. Minha noção de um mundo pré-histórico, de períodos de tempo imensos, foi estimulada primordialmente pelas samambaias e seus fósseis.

“Qual vai ser o nosso portão?”, todos perguntam. “O portão dez”, alguém responde. “Disseram que seria o dez.”

“Não, é o três”, diz outro. “Está no painel: portão três.” Outro ainda ouviu dizer que partiremos do portão cinco. Tenho a curiosa sensação de que o número do portão, neste momento, ainda não está determinado. Passa-me pela cabeça a ideia de que existem apenas *boatos* sobre o número do portão até que, num ponto crítico, um dado número vence. Ou que o portão é indeterminado em um sentido heisenbergiano, somente se definindo no momento final (quando, se não me falha a memória, há o “colapso da função de onda”). Ou que o avião, ou sua probabilidade,